

Elogio à diversidade – um estudo sobre a obra de A. C. Jobim

Ines Loureiro

Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil

Resumo: Resenha do livro “The Music of Antônio Carlos Jobim”, de Peter Freeman. (Chicago: The University of Chicago Press, 2019. 202 p. ISBN: 978-1-78320-937-8)

Palavras-chave: análise musical, estilo musical, música popular brasileira, Antonio Carlos Jobim.

O livro recém-publicado é fruto de um Doutorado realizado na School of Music da Universidade de Queensland (Austrália) em 2006. O título da tese que lhe deu origem – *Eclecticism in the Music of Antônio Carlos Jobim: a consideration of stylistic diversity* – indica de modo mais preciso a intenção do autor: explicitar e analisar a diversidade estilística que caracteriza a obra de Jobim. Tal riqueza, acredita Freeman, é fruto da abertura às mais variadas influências, que são buscadas e assimiladas sem qualquer preconceito. É esse “ecletismo” que estaria na base do estilo de Tom – uma síntese original e personalíssima de múltiplos ingredientes culturais.

Importante assinalar desde já: o termo “ecletismo”, onipresente na publicação, nada tem de pejorativo – antes o contrário. Designa a extraordinária capacidade do Maestro em absorver e metabolizar de modo criativo fontes musicais e culturais muito heterogêneas. As preferências de Jobim não se deixavam limitar por fronteiras nacionais nem por rótulos como alta/baixa cultura, erudito/popular, moderno/tradicional.

Assim, o trabalho de Freeman persegue um duplo objetivo: por um lado, busca identificar e descrever as principais características do estilo de ACJ, realizando uma análise musicológica cerrada dos aspectos melódicos, harmônicos, rítmicos e formais. Por outro, visa retrazar a genealogia de cada um desses atributos, remetendo-os às influências das quais teriam derivado. Em suma, o projeto é desenhar um panorama geral e aprofundado da linguagem jobiniana, inclusive de sua proveniência.

Freeman encara o desafio de trabalhar simultaneamente com os eixos horizontal e vertical (o conjunto da obra, suas raízes), submetendo-os a análises musicológicas e históricas, com o uso de discursos ora mais descritivos, ora mais críticos. A amplitude deste projeto talvez seja o traço que distingue a pesquisa de Freeman de outras tantas, também excelentes, empreendidas na Universidade brasileira.

De fato, é enorme a quantidade de dissertações/teses produzidas nos últimos anos sobre Jobim. Em diferentes áreas – Música, Estudos Literários, Comunicação, Antropologia e História – continuam a surgir estudos consistentes que vêm constituindo uma “massa crítica” considerável.¹ No mais das vezes são trabalhos que optam por focalizar uma peça (ex.: os procedimentos composicionais

¹ A data da tese (2006) talvez justifique a afirmação de Freeman de que Jobim tem sido pouco investigado. “[...] Assim, não é difícil ver por que a música de Jobim não tem sido mais amplamente estudada ou discutida nos círculos acadêmicos, nem objeto de escritos musicológicos profundos. A música de Jobim é eclética, não hermética, e não se envergonha de recorrer a técnicas e linguagens do passado” (p. 187-188).

de uma sinfonia) ou um pequeno grupo de obras, um aspecto (a questão dos arranjos, a presença do choro ou a junção letra/melodia), o cotejamento com outros autores (Villa-Lobos, Debussy, Edu Lobo...), um período (os anos pré-Bossa Nova) e assim por diante. Nas áreas vizinhas os recortes também costumam ser estritos: as discussões estéticas contidas em sua obra, o diálogo com a literatura, suas concepções de natureza ou visões de sociedade, as estratégias de auto apresentação...

Pode-se dizer que o livro de Freeman também possui um viés definido, mas bastante abrangente e ambicioso: abarcar a totalidade dos aspectos musicais e o conjunto de influências, ilustrados com exemplos extraídos de toda a produção de Jobim – dos anos 50 ao último álbum. Não é pouco. Talvez a ousadia da proposta tenha a ver com o fato de ter sido formulada a partir de um olhar externo ao nosso ambiente musical. No entanto, embora arriscado, o propósito de fornecer uma “visão global” da obra e das linhagens das quais descende foi bastante bem-sucedido: o livro faz jus ao título arrojado – nada menos que *The Music of Antônio Carlos Jobim* – e entrega em grande medida aquilo que promete ao leitor.

Vejamos. Freeman circula em meio aos vários gêneros da produção jobiniana – canções, temas instrumentais, obras orquestrais e sinfônicas. Os exemplos pinçados a dedo abrangem as quase cinco décadas de atividade do compositor, e incluem desde peças pouco conhecidas (canções juvenis e trilhas de cinema) até grandes sucessos, como *Chega de saudade* e *Águas de março*.² O autor trabalha principalmente com excertos de partituras, mas os submete a uma leitura detalhada; são apenas seis as análises de obras completas: além dos “hits” já citados, *Saudades do Brasil*, *Arquitetura de morar*, *Dindi* e *Insensatez* – esta cuidadosamente comentada à luz da semelhança com o *Prelude in E minor Op. 28, n.4*, de Chopin.

A meu ver, tal *coleção de exemplos – mais de 140, cuidadosamente selecionados, documentados e analisados* – é o ponto forte do livro. É comum encontrar afirmações de que Tom foi influenciado por Debussy, Villa-Lobos, Pixinguinha ou pela modinha brasileira (entre tantas outras possibilidades). Freeman, porém, tem o mérito de mostrar *o que* Jobim assimilou, *em que medida* o fez e, sobretudo, *onde* isto aparece. O autor localiza precisamente os trechos em que tal “parentesco” se revela, apontando com exatidão até os *compassos* assemelhados. Idem no que diz respeito ao inventário das

² Embora privilegie os aspectos musicais, Freeman não descuida das relações, digamos, metalinguísticas entre os elementos melódico-harmônicos e as letras, tão evidentes em *Desafinado* e *Samba de uma nota só*.

características melódicas, rítmicas e harmônicas: cada aspecto é exemplificado por meio da análise de vários fragmentos. Conforme os exemplos vão se somando, cria-se um efeito acumulativo que resulta em um texto denso, mas também claro e convincente.

Apesar de assertivo, Freeman preserva a nuance das articulações e é muito cauteloso nas relações que estabelece entre autores e obras. Também nos lembra de que é apenas o intuito didático que o leva a separar harmonia, ritmo e forma; em grande medida, aliás, as análises dessas dimensões vão se sobrepondo, o que acaba por gerar alguma redundância.

Freeman sublinha que não há um estilo único que defina ou atravesse a obra de Jobim como um todo (a Bossa nova, por exemplo, nela ocupa cerca de 10%, segundo Tom). Por isso, até mesmo os traços estilísticos mais evidentes e unanimemente apontados pelos estudiosos – como o emprego de acordes alterados, a repetição de pequenos motivos melódicos construídos com intervalos próximos, o uso de cromatismos (em geral descendentes) nas melodias, no encadeamento de acordes e nas linhas do baixo, etc. – nada disso deve ser tomado como “essencial” ao estilo de Jobim: “Se existe alguma característica fundamental identificável no estilo musical de Jobim, esta é a diversidade” (p. 189).

O livro se organiza em cinco capítulos: Introdução, Influências, Linguagem harmônica, Técnicas rítmicas, Desenvolvimento melódico/temático e concepção formal.

Nas duas temporadas de pesquisa no Brasil, o autor reuniu uma vasta bibliografia. A literatura citada contém títulos em inglês e português, incluindo biografias e obras histórico-críticas (Ruy Castro, Tárík de Souza e Marcos Napolitano, dentre outros.) A mim impressionou encontrar um pesquisador estrangeiro tão bem-informado sobre cultura brasileira - ao par, por exemplo, das querelas em torno do nacionalismo musical, ou ainda, inteirado da história de nossos ritmos populares (choro, baião, as muitas variantes do samba) e até mesmo da percepção de Jobim por parte da crítica brasileira. Algumas partituras do *Cancioneiro Jobim* e cifras dos *Songbooks* editados por Almir Chediak são comparadas entre si e, também, confrontadas com registros sonoros, levando à constatação de diferenças entre esses materiais. Além da apresentação da tese em geral e das fontes utilizadas, a Introdução se detém na descrição do contexto de surgimento de Jobim: o Brasil dos anos 50, embalado pelo desenvolvimentismo e pela urbanização do país, às voltas com a criação de uma identidade nacional que se expressaria por meio de uma música “autêntica”.

O segundo capítulo, “Influências”, antecipa de forma condensada e textual grande parte do conteúdo desenvolvido posteriormente. Por isso, serve como um excelente resumo para aquele leitor que não deseja enveredar por uma linguagem mais técnica. Nele Freeman desenha um panorama geral das influências melódicas, harmônicas e rítmicas, apoiando-se em elementos musicais e biográficos, com destaque para os autores que ajudaram na ultrapassagem das rígidas fronteiras entre o clássico e o popular, como Koellreutter, Radamés Gnattali e Villa-Lobos (este, o grande modelo para a “filosofia inclusiva” que orienta o ecletismo de Jobim). Aponta e descreve semelhanças entre obras pontuais, mas sem demonstrá-las com trechos de partituras ou comentários musicológicos – que serão a tônica dos capítulos seguintes.

Freeman vê na abordagem harmônica o traço a mais marcante do estilo jobiniano, diferente de outros comentaristas (ele cita Ulhoa, mas eu acrescentaria Lorenzo Mammi) que afirmam a primazia da invenção melódica.

A melodia é frequentemente destacada como o mais inovador e característico aspecto da obra de Jobim e sua contribuição mais significativa para a música popular. Entretanto, o domínio inovador e estrutural da harmonia é que foi o fator definitivo na criação de seu estilo musical. A chave foi o contraste entre simplicidade e sofisticação, criada pela justaposição de melodias simples com harmonias complexas, muitas vezes cromáticas (FREEMAN, 2020, p. 59).

Não caberia aqui reproduzir as minuciosas análises “técnicas” sobre harmonia, ritmo, melodia e forma. Ao final de cada capítulo, Freeman nos traz uma síntese do que nele foi discutido – o que novamente auxilia uma leitura mais objetiva. Na verdade, o livro não chega a trazer grandes novidades em relação àquilo que já foi exaustivamente apontado por outros comentaristas. Alguns exemplos: a) uso de acordes harmonicamente complexos (com adição de 7, b9, 9, 4, #5, 6, M7, 11, 13) encadeados em progressões incomuns; b) exploração do cromatismo harmônico, particularmente nas linhas de baixo mas também nas vozes internas dos acordes; c) alternância de modos maiores e menores, exploração de ambiguidades tonais, emprego da escala de tons inteiros; d) desenho de motivos rítmico-melódicos simples (“building blocks”, frequentemente construídos com intervalos pequenos), que são repetidos e/ou transpostos ao longo da peça, e cujo movimento acontece contra as mudanças harmônicas (“static melodies, changing harmony”); e) polirritmia inspirada em ritmos locais (como samba, baião e maracatu), com várias camadas de linhas sincopadas e independentes; f)

recurso a notas pedais, com diferentes funções: como modo de propulsão rítmica, como fundamento harmônico ou como contraste com a irregularidade de outros elementos; g) formas e contornos melódicos inspirados no choro e na modinha, e assim por diante.

Embora o autor nos chame a atenção para aspectos menos usuais (ex: a presença dos cantos de pássaros, o coro feminino usado como instrumento, o preparo de melodias alternativas), a contribuição deste livro está menos em *o que* ele diz, e mais no *como* e em *que extensão* ele o faz. Todos concordamos que Tom é dono de uma marcante sensibilidade lírica e melódica, que se soma a um idioma harmônico peculiar e a uma imensa riqueza rítmica. Mais complicado é demonstrar com uma profusão de exemplos os muitos matizes com que cada um desses aspectos se manifesta. E ainda mais difícil é compor um painel amplo e coerente sobre a obra de ACJ, que consiga, ao mesmo tempo, preservar toda a graça e riqueza que a caracterizam. É esta a façanha realizada por Peter Freeman, cujo belo trabalho aguarda tradução e divulgação entre os conterrâneos de Jobim.

SOBRE A AUTORA

Ines Rosa Bianca Loureiro é graduada em Ciências Sociais (USP) e Psicologia (PUC-SP), Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), Residente Pós-Doutoral no PPG em Música (UFMG) sob orientação do Prof. Dr. Flavio Barbeitas
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9224-3223>. E-mail: inesbiancaloureiro@gmail.com